



Projeto Curupira CTA/ZM e o combate ao Racismo Ambiental:
Relato da experiência agroecológica de arte-educação a partir de uma Cartilha Pedagógica do
ano de 2023/1

*Curupira CTA/ZM Project and the Fight against Environmental Racism:
Account of the Agroecological Art-Education Experience Based on a Pedagogical
Handbook from the year 2023/1*

BRANDÃO, L. G.¹; BRAZ, I. J. J.² SOUZA, S³; FERREIRA, M. R. G⁴.

¹ Centro de Tecnologias Alternativa da Zona da Mata, comunicacao@ctazm.org.br

² Universidade Federal de Viçosa, <https://www14dti.ufv.br/quite/>

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo

Este trabalho busca relatar uma experiência agroecológica de educação a partir de uma cartilha pedagógica do ano de 2023/1, realizado em 22 escolas em 4 municípios, na Zona da Mata mineira, com a temática combate ao racismo ambiental, construída pela equipe do Projeto Curupira, integrado ao Programa Educação e Agroecologia, na organização não governamental, Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, CTA/ZM. Os dados coletados foram a observação direta de cada etapa do processo de construção da cartilha. Através da cartilha como material pedagógico, foi realizado um trabalho de conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente e da valorização das comunidades tradicionais quilombolas e indígenas e dos saberes populares, levando em consideração a diversidade étnico-racial presente em nossas comunidades.

Palavras-Chave: Agroecologia, Arte-Educação, Educação ambiental, Racismo Ambiental

Keywords: Agroecology, Art Education, Environmental Education, Environmental Racism

Abstract:

This work aims to report an agroecological education experience based on a pedagogical handbook from the year 2023/1, conducted in 22 schools across 5 municipalities in the Zona da Mata region of Minas Gerais, Brazil. The thematic focus was on combating environmental racism, and it was developed by the team of the environmental art education project called Curupira, integrated into the Education and Agroecology program of the non-governmental organization, Center for Alternative Technologies of the Zona da Mata (CTA/ZM). The data collected consisted of direct observation of each stage of the handbook's construction process. Our goal was to promote awareness about the importance of environmental preservation and the valorization of traditional quilombola and indigenous communities, as well as popular knowledge, taking into account the ethnic and racial diversity present in our communities.



Contexto

Este relato é sobre a construção e elaboração da cartilha pedagógica do ano de 2023 da equipe do projeto Curupira (CTA-ZM), incorporado em um contexto de emergência ambiental, que interfere no cotidiano das populações racializadas ao redor do mundo. A partir das relações entre educação, arte e meio ambiente, pretendemos apresentar uma experiência que desenvolve possibilidades de desenvolvimento de práticas educativas ambientais antirracistas, a fim de estimular a criticidade e emancipação de sujeitos, sendo as práticas agroecológicas incorporadas neste processo.

O Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, CTA-ZM, é localizado em Viçosa/MG e atua em diversos municípios da Zona da Mata mineira. Esta região possui vários territórios com características diversas e seus conflitos interferem na vida de muitas populações, alguns destes conflitos estão descritos no verbete de áreas de atuação no site da instituição.

É uma região de grande degradação ambiental, onde os processos históricos de desmatamento e a erosão dos solos se juntaram ao descaso com o destino do lixo e efluentes tóxicos e com o uso intensivo de agroquímicos, principalmente nas lavouras de café horticultura. Se por um lado esse quadro traz dificuldades à sua população, por outro, representa uma oportunidade para o desenvolvimento de projetos de caráter mais horizontal, territorial, que articulem vários municípios. (CTA,2018)

O presente relato é sobre uma das ações do Projeto Curupira, integrado ao programa Educação e Agroecologia do CTA. O Projeto Curupira atua desde o ano de 2006, e desde então desenvolve trabalhos de arte educação nos territórios que o CTA tem atuação com a agroecologia. O projeto trabalha desde os anos iniciais escolares até o ensino médio nas escolas, realizando atividades formativas, artísticas, culturais e brincantes com crianças e adolescentes de perfis diversos (CTA,2019).

O Projeto Curupira a partir do ano de 2009, aborda temas que interagem com as práticas agroecológicas desenvolvidas pela instituição. Foram trabalhados ao longo destes anos alguns temas, intitulados nas cartilhas pedagógicas trabalhadas anualmente, como forma de interagir, facilitar, e irradiar as ideias em debate, de forma ilustrativa, lúdica, interativa, brincante e informativa. Este ano, o tema trabalhado é o racismo ambiental. O título da cartilha foi definido como: “Projeto Curupira em: Combate ao Racismo Ambiental”.

A elaboração da cartilha do projeto Curupira do ano de 2023, é uma forma de atender aos anseios da sociedade em entender este tema e como ele pode irradiar nas comunidades e territórios, de forma criativa, dinâmica, facilitada e interativa, com o intuito de promover a conscientização e ações concretas para a superação



do racismo ambiental, Além disso, buscamos promover a conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente e da valorização das comunidades tradicionais quilombolas e indígenas e dos saberes populares, levando em consideração a diversidade étnico-racial presente em nossas comunidades.

Por meio da utilização da arte como ferramenta educativa, visamos despertar o interesse dos participantes para a temática ambiental, abordando questões como a conservação dos recursos naturais, o uso sustentável dos territórios e a promoção da agroecologia como alternativa viável para a produção de alimentos saudáveis e em harmonia com o meio ambiente. Além disso, dedicamos especial atenção ao combate ao racismo ambiental, que se configura como uma forma de discriminação que afeta desproporcionalmente comunidades marginalizadas racialmente.

O termo racismo ambiental, pouco estudado e compreendido pelo campo da educação, surgiu em meados de 1980, pelo ativista e líder dos movimentos por justiça ambiental, Benjamin Chavis, que em 1993 em seu livro intitulado *The Poisoning of an American High School*; em coautoria com Robert Sabalis, traz uma das definições de racismo ambiental, ele diz:

Racismo ambiental é a discriminação racial nas políticas ambientais. É discriminação racial no cumprimento dos regulamentos e leis. É discriminação racial no escolher deliberadamente comunidades de cor para depositar rejeitos tóxicos e instalar indústrias poluidoras. É discriminação racial no sancionar oficialmente a presença de venenos e poluentes que ameaçam as vidas nas comunidades de cor. E discriminação racial é excluir as pessoas de cor, historicamente, dos principais grupos ambientalistas, dos comitês de decisão, das comissões e das instâncias regulamentadoras. (Chavis, 1993: 3)

Buscamos, através das atividades desenvolvidas nas escolas, nomear as consequências do racismo ambiental identificando e discutindo as causas de tais impactos socioambientais (mineração, queimadas, favelização e outras consequências) e desafios enfrentados por tais comunidades. Por meio da sensibilização e da conscientização, pretendemos contribuir para a transformação de realidades, lutando pela justiça ambiental e pelo reconhecimento dos direitos desses grupos.

Descrição da Experiência

A etapa inicial, foi a realização de formações sobre a partir do tema “racismo ambiental”, promovidas pelo CTA/ZM. Foram um total de cinco formações, com pessoas ligadas e informadas sobre o tema, apresentando tais perspectivas identitárias sobre a temática acerca das consequências do racismo ambiental e como as/os afetam em seus territórios. Após este momento, houve a criação de um funil pela equipe, com palavras chaves sobre o tema e o que/como gostaríamos que



fosse abordada na cartilha. Depois das discussões, foi feita a divisão de tarefas, distribuindo a equipe em funções de mais afinidade a cada pessoa, sendo as tarefas e o as construções a partir da temática do racismo ambiental, sendo elas: textos informativos, jogos didáticos e interativos, poemas, entrevistas e desenhos com as abordagens do tema.

A cartilha é trabalhada nas escolas de forma sequencial, sendo ela dividida em seções, relatadas abaixo:

Cada sessão é uma missão, sendo as pessoas participantes das atividades inicialmente convidadas a ajudarem a combater o racismo ambiental. Na capa, há a imagem da figura da Curupira salvando uma pequena muda da árvore sucupira de um incêndio florestal ilustrado ao fundo com muito fogo entre a mata. Na segunda parte, temos a sessão inicial, com a missão “o chamado”, sendo a introdução de um texto elaborado a partir de um convite sobre uma reflexão identitária. Logo abaixo, temos a entrevista de um dos membros da Rede de saberes quilombolas da zona da mata, Julius keniata, com um trecho de sua fala sobre suas vivências enquanto quilombola em contexto rural. Na página seguinte, nos deparamos com a missão “Identidade”, com uma poesia divertida e ilustrada a partir da receita do prato frango com quiabo à mineira. Mais ao fim da página, temos um jogo chamado cara a cara, da qual convida as pessoas a fazerem duplas e descobrirem os personagens da cartilha ilustrada nos balões em sequência nesta sessão.

A página seguinte é a missão “Reconhecimento Territorial”, com a proposta do jogo da cartografia social. As pessoas participantes, identificam as cidades nas cores correspondentes no mapa, sendo orientado a escrita do que conhecem de elementos como festas tradicionais, culturas e outras de tais localidades mapeadas. Logo abaixo, há duas entrevistas, uma com a Helena Puri, trazendo suas questões sobre suas vivências enquanto pessoa indígena da etnia puri, e na outra página ainda em sequência na missão “Reconhecimento Territorial”, tem a entrevista da Mariana Nzinga, relatando um pouco sobre ser quilombola em um contexto urbano a partir de suas reflexões sobre os impactos do racismo ambiental.

Na próxima seção, temos a missão ancestralidade, com um outro jogo interativo, chamado “Árvore dos Saberes Tradicionais”, em que convida as/os jogadores a fazerem um resgate sobre o que conhecem de tradições em seus territórios. Em seguida, temos um verbete sobre o termo “branquitude”, e como se relaciona com o tema. No final da página, temos outro jogo interativo chamado “mitos ou fatos”, com afirmações mentirosa de um lado da página acerca do senso comum sobre as questões raciais, sendo a proposta do jogo encontrar e ligar com o lápis do outro lado as verdades, fatos em verbetes desmentindo tais mitos.

Na sessão final, temos a missão “Aliadas”, com um texto informativo sobre o conceito do racismo ambiental, explicando de forma simples e direta para leitores da cartilha toda a definição deste tema. E mais ao final da página temos outro verbete sobre a agroecologia e como ela pode/é aliada para o combate ao racismo



ambiental. Por fim, temos a contracapa, com figuras em balões desenhados da equipe, além de dados bibliográficos.

A elaboração da cartilha do Projeto, levou em consideração, a inclusão e protagonismo de experiências e perspectivas indígenas, negres e quilombolas em nossas abordagens, a fim de estimular e valorizar os saberes tradicionais com a demarcação dos contextos territoriais étnicos em que irá circular a cartilha. Além disso, a elaboração promoveu a inclusão de pessoas LGBTQIAP+ e suas relações interseccionais identitárias como protagonistas do processo de construção, da qual destacamos que foi fundamental para uma educação ambiental que promova a diversidade e racialize as temáticas agroecológicas.

As atividades foram realizadas pela equipe do Projeto Curupira em 22 escolas da mesoregião da cidade de viçosa, e incluiu nas atividades a participação, além da equipe do projeto curupira, também do corpo docente e discente das escolas atendidas pelo programa, nos ensinos fundamental I e II e no ensino médio. Todas as atividades são desenvolvidas a partir da cartilha, na ordem sequencial de cada sessão, em um período de uma hora e meia, dependendo da dinâmica de funcionamento da escola, e a cada sessão e jogo interativo, fala ou música é apresentada por alguém do projeto que realiza, sendo rotativa esta tarefa pedagógica. A cartilha tem o propósito de circular em diversos espaços educativos e territórios, para além das organizações agroecológicas, como formações de movimentos sociais..

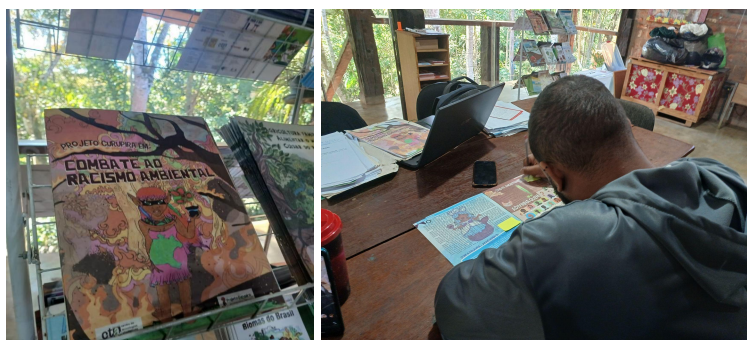


Figura 1. Imagem da capa da cartilha pedagógica Foto: CTA/ZM

Resultados

Alguns resultados alcançados pelo Projeto em diferentes dimensões podem ser apresentados nos eixos temáticos das dimensões sociais, ambientais e culturais. Na dimensão social, observamos que através das práticas do Projeto pode ter sido contribuintes para o fortalecimento identitário das comunidades quilombolas e indígenas. Os saberes tradicionais foram verbalizados, respeitados e valorizados, mostrando possibilidades de preservação da cultura e identidade desses povos através do resgate dos mesmos. Além disso, através da agroecologia, foi possível abordar questões relacionadas ao racismo religioso, gêneros, identidade e outros



nas escolas, promovendo discursos sobre o respeito e a equidade entre as/os estudantes.

No âmbito ambiental, falamos sobre o uso consciente dos recursos naturais através da agroecologia. Práticas agrícolas sustentáveis, diversificação de cultivos e redução do uso de agrotóxicos, sobre a coleta seletiva de lixo entre outros temas não menos importantes também foram abordados. A prática agroecológica também alertou para o racismo ambiental, identificando e combatendo as desigualdades socioambientais que afetam de forma desproporcional comunidades racialmente marginalizadas.

Nas dimensões culturais, constatamos a valorização dos saberes populares por meio da agroecologia. A troca de saberes entre gerações fortalece o discurso sobre a identidade cultural das comunidades, resgatando suas histórias e práticas tradicionais. Através da arte e educação aliadas à agroecologia, promoveu-se a cultura popular, utilizando expressões artísticas para transmitir conhecimentos ancestrais e manifestar tradições.

Ao introduzir o tema do combate ao racismo ambiental nas escolas através das atividades de arte educação e da cartilha pedagógica, nós do Projeto Curupira buscamos despertar nas/os educandes uma consciência crítica sobre as desigualdades socioambientais existentes em suas comunidades. Dessa forma, estamos contribuindo para a formação de uma sociedade mais equitativa, consciente e comprometida com a preservação do meio ambiente, a promoção dos direitos humanos e da agroecologia.



Figura 2. Imagem da equipe do projeto Curupira 2023 Foto: CTA/ZM

Referências bibliográficas

CHAVIS, B. Forward. In: BULLARD, R. (Ed.). *Confronting Environmental Racism: voices from the grassroots*. Cambridge: South End Press, 1993.

Equipe Curupira.. *Projeto Curupira, Arte-Educação ambiental e Agroecologia*. Edição: Wanessa Marinho. CTA/ZM, disponível em: <https://g.co/kgs/nFXVH3> acesso em: 12 de jul. 2023